

Vivência pedagógico-transdisciplinar da arte de aprender: oficina da relação mestre-aprendiz, oficina da avaliação polilógica e oficina da comunicação dialógica

Dante Galeffi (dgaleffi@uol.com.br)¹

Neyde Marques (suryalaya@uol.com.br)²

Noemi Salgado Soares (noemi.salgado@terra.com.br)³

Resumo

A vivência pedagógico-transdisciplinar da arte de aprender está inserida em um projeto educacional do curso de Pós-Graduação denominado *Educação Transdisciplinar e Desenvolvimento Humano: a Arte de Aprender*⁴. Os princípios filosóficos deste curso, também fundamentados na compreensão educacional de Jiddu Krishnamurti a respeito da *arte de aprender* e da *educação correta*, sustentam que a vivência da *arte de aprender* implica a vivência do autoconhecimento. O aprender da arte de aprender é o acontecimento presente do desconhecido, que dança com o mistério inerente ao pulsar vida do acontecimento existencial de cada ser humano, aberto para a abertura da autoconsciência. O ato de aprender é uma ação vivenciada no presente-instante atual irrepitível. A vivência da arte de aprender não tem nenhuma relação com o movimento de ser ensinado. Esta vivência é um processo ontológico constante, ininterrupto, não acumulativo e não está relacionado nem com o passado nem com o futuro. Concordamos com Krishnamurti que, para vivenciar a arte de aprender, o ser humano precisa estar em constante estado de aprendizagem, sempre no presente ativo do seu acontecimento existencial. Compreendemos que as oficinas denominadas *Relação Mestre-aprendiz* (AEMA), *Avaliação Polilógica* e *Comunicação Dialógica* fazem parte de uma rede de relações que tecem a arquitetura da construção de diferentes vivências, as quais procuram operacionalizar a práxis ontológico-existencial de alguns fundamentos pedagógicos da educação transdisciplinar. Em conjunto com outras oficinas, elas estão sendo ministradas no referido curso de pós-graduação. Na construção da escrita deste artigo objetivamos apresentar uma breve síntese de algumas propostas pedagógicas destas oficinas, visando evidenciar que uma das finalidades do desenvolvimento das suas vivências é subsidiar a práxis pedagógica da educação transdisciplinar.

Palavras-chave: Educação transdisciplinar, Arte de Aprender, Pedagogia do Autoconhecimento, Vivência pedagógico transdisciplinar, relação mestre-aprendiz, avaliação polilógica, comunicação dialógica.

¹ Educador, Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Doutor em Filosofia da Educação, professor da Universidade Federal da Bahia, vice-coordenador e docente do curso de Pós-Graduação *Educação transdisciplinar e DH: a arte de aprender*. É coordenador da linha de Pesquisa *Filosofia, Linguagem e Práxis Pedagógica*, responsável pela linha de pesquisa *Educação Transdisciplinar*, do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFBA (Mestrado e Doutorado).

² Educadora, Psicóloga (CRP 1378), consultora organizacional (IBCO), Doutora em Arte-Educação, professora da Universidade Federal da Bahia, pesquisadora na área de Comunidades de Redes de Aprendizagem e Desenvolvimento.

³ Educadora, Mestre em Letras Vernáculas, Doutora em Filosofia da Educação, professora da Universidade Federal da Bahia, coordenadora e docente do curso de Pós-Graduação *Educação transdisciplinar e DH: a arte de aprender*. Desenvolve pesquisas sobre “*Fundamentos filosóficos e princípios pedagógicos da educação transdisciplinar*” no Centro de Estudos Baianos (CEB) e no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (mestrado e doutorado) da Faculdade de Educação da UFBA, na linha de pesquisa em *Educação Transdisciplinar*.

⁴ Este curso é oferecido pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e promovido pela Faculdade de Educação (FACED - Departamento II) em parceria com o Centro de Estudos Baianos (CEB). Vincula-se à linha de pesquisa *Educação Transdisciplinar*, associada ao Grupo de Pesquisa *Epistemologia do Educar e Práxis Pedagógica* da linha de pesquisa *Filosofia, Linguagem e Práxis Pedagógica* do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da UFBA (mestrado e doutorado). Teve início em agosto de 2004, contando com sete professores pesquisadores (6 doutores e 1 mestre) e 37 estudantes regulares, em sua maioria professores da rede pública e particular de ensino, de Salvador - Bahia.

O objetivo geral do curso de Pós-Graduação *Educação Transdisciplinar e Desenvolvimento Humano: a Arte de Aprender* é oferecer uma efetiva contribuição educacional à formação, especialização, atualização e aperfeiçoamento de educadores, que lhes possibilite conhecerem, compreenderem e vivenciarem a arte de aprender ou a arte de autoconhecer-se na praxis pedagógica da educação transdisciplinar, visando capacitá-los para atuarem, de forma mais consciente, no processo educativo direcionado para o desenvolvimento integral do ser humano.

Os seus objetivos específicos são: convidar o educador-estudante-educando a: 1. conhecer e compreender os princípios educacionais de Jiddu Krishnamurti, a respeito da *arte de aprender* e da *educação correta*, objetivando oferecer-lhe um conteúdo filosófico-educacional, que lhe ajude a desenvolver uma prática educativa fundamentada na vivência dos seguintes alicerces da educação para o séc. XXI, propostos pela UNESCO: *aprender a aprender, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser*; 2. compreender a vivência da *arte de aprender* como um dos eixos fundantes da educação transdisciplinar; 3. reconhecer a função e o significado da educação transdisciplinar para o processo do desenvolvimento integral do ser humano no séc. XXI; 4. fundamentar, aprofundar e operacionalizar a compreensão do aprendizado como a vivência do fazer-aprender a conviver, a ver, a ouvir, a falar, a respeitar, a pensar, a criticar, a agir, a dialogar-relacionar, a sentir, a escrever, a conhecer, a amar e a ser.

A “Vivência pedagógico-transdisciplinar da arte de aprender”⁵ é uma transdisciplina que está inserida na grade curricular do referido curso de Pós-Graduação. Alguns princípios filosóficos deste curso sustentam que a práxis pedagógica da educação transdisciplinar é operacionalizada pela pedagogia do autoconhecimento⁶. As oficinas *Relação Mestre-aprendiz* (AEMA), *Avaliação*

⁵ Nestas vivências o termo “arte de aprender” é retirado da compreensão filosófico-educacional de Jiddu Krishnamurti. Para este educador a *arte de aprender* é a arte de autoconhecer-se ou a *arte de viver*.

⁶ “Denomino de **pedagogia do autoconhecimento** a pedagogia que tem como objetivo principal subsidiar e orientar o desenvolvimento de ações educacionais, fundamentadas e direcionadas para a vivência da *arte de aprender* ou da arte de autoconhecer-se. Em analogia à imagem holográfica de um rizoma, considero que na **pedagogia do autoconhecimento** estão inseridas-ativadas-plasmadas-interconectadas as seguintes pedagogias: pedagogia do diálogo, pedagogia da presença, pedagogia da emoção, pedagogia da alteridade, pedagogia da diferença, pedagogia da contemplação, pedagogia do mestre-aprendiz, pedagogia bioenergética, arte-pedagogia, pedagogia da avaliação polilógica, logopedagogia (pedagogia do significado de vida), óciopedagogia, pedagogia da individuação, pedagogia da atenção, ecopedagogia, ludopedagogia, pedagogia da relação, pedagogia da liberdade, pedagogia da afetividade, pedagogia do silêncio, pedagogia da esperança, pedagogia transpessoal, pedagogia da bondade e pedagogia do espírito. (...)

Compreendo, assim, que a práxis pedagógica da educação transdisciplinar é operacionalizada pela **pedagógica do autoconhecimento**, que não separa o processo da aquisição de conhecimentos do processo do autoconhecimento inerente à vivência da *arte de viver*. Sua ação educativa objetiva educar o ser humano não somente para que ele possa ativar a capacidade de adquirir conhecimentos filosóficos/científicos/técnicos, como também para que possa ativar a capacidade de conhecer, através da vivência do autoconhecimento, não somente as diferentes dimensões da sua corporeidade, como também a natureza e a estrutura das suas emoções, dos seus pensamentos, desejos, medos, intuições, imaginações. Esta educação ocupa-se tanto com o processo da aquisição-assimilação-memorização de conhecimentos teóricos e técnicos, como também com a vivência da *arte de aprender*. ” (In. SOARES, Noemi . *A pedagogia do autoconhecimento e a transdisciplinaridade da arte de aprender para o desenvolvimento integral do serhumanohumanidade: o acontecimento de um curso de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR na Universidade Federal da Bahia*. Salvador, UFBA, 2005, páginas 6-7)

Polilógica e Comunicação Dialógica, em conjunto com outras oficinas ministradas nesta Pós-Graduação, fazem parte de alguns módulos da referida transdisciplina, que tem como objetivo desenvolver diferentes vivências educativas que buscam operacionalizar a práxis de alguns fundamentos epistemológicos da pedagogia do autoconhecimento.⁷

1. Oficina do Mestre-Aprendiz na vivência pedagógico-transdisciplinar da arte de aprender

Um dos objetivos da *Oficina do Mestre-Aprendiz* ou *Oficina de aprendizagem fundamentada no anarquismo epistemológico e na arte-educação orquestrada pelo Mestre-Aprendiz* (AEMA) é a ressignificação dos papéis do professor e do aluno para o de mestre-aprendizes. A práxis AEMA, alicerçada na compreensão filosófica e pedagógica da educadora Neyde Marques, está direcionada para a vivência da *arte de aprender* e para o desenvolvimento do conhecimento e do humano fora do controle da autoridade externa: dedica-se a uma articulação entre o místico, o abstrato, o mitológico, o óbvio, o concreto, o onírico, o científico e o poético.

Essa oficina, que se desenvolve no, e com o cenário do Curso de Pós-Graduação *Educação Transdisciplinar e Desenvolvimento humano: a Arte de Aprender*, é um trabalho atrelado à concretude existencial de todos nós, educadores-educandos, participantes, envolvendo nossas potencialidades, buscas, revelações e limites. Isto vai gerando um clima capaz de dar suporte às nossas demandas humanas de autoria, diálogo, criação, encontro, partilha e comunidade. Nessa práxis, sempre buscamos sustentar uma alteridade absoluta, na qual o desenvolvimento humano é encarado como *arefa primordial*. Assim, vamos vivenciando os mistérios, as tensões, os conflitos, as alianças e a comunhão possíveis, como indivíduos e como grupo.

Desde o começo da Oficina, e já se passaram mais de nove meses, vimos trabalhando com estratégias de aprendizagem inspiradas na arte-educação, e com recursos didáticos que sempre nos remetem para a vivência de imagens e sentimentos, os quais, por sua vez, deflagram as necessárias reflexões, não permitindo, todavia, que o pensamento, o raciocínio e a lógica se restrinjam apenas à abstrações conceituais.

A vivência da transdisciplinaridade vai acontecendo através de um enamoramento entre o ser e o ente, tendo a palavra que se fez linguagem consentida e conscientizada, como o passaporte para as descobertas recíprocas e responsáveis...

⁷ O conteúdo deste artigo/trabalho está interligado ao conteúdo dos artigos/trabalhos “*Fundamentos filosóficos da Educação Transdisciplinar*” e “*A pedagogia do autoconhecimento e a transdisciplinaridade da arte de aprender para o desenvolvimento integral do serhumanohumanidade*”, que também vão ser apresentados no **2º Congresso Mundial de Transdisciplinaridade**. A escrita destes três artigos são complementares, porque o conjunto de suas abordagens revelam, de uma forma mais ampliada, a síntese de algumas partes da proposta do curso de Pós-Graduação *Educação transdisciplinar e desenvolvimento humano: a arte de aprender*. O conteúdo destes artigos também estão inseridos no CD que reúne a publicação de todos os trabalhos apresentados neste congresso.

Começamos com o *maha-lila*, a chamada “brincadeira divina”, este jogo primevo que nos remete aos inúmeros planos do ser; enveredamos pelo *sensitivity-training*, exercício que nos testou com o silêncio e nos fez reconhecer que “a filogênese (como nascimento de um grupo), repete a ontogênese”; mergulhamos nos arquétipos e nos enigmas do TAO; fomos ao Teatro provocados pela instigante e reveladora lenda de Xuá-Xuá, como dramatiza Boal; ensaiamos as possibilidades de uma mente nova, inclusive afinando o território do corpo na perspectiva da biossíntese; esbarramos em muitas estações dramáticas, buscando nos ressemiotizar e balbuciando um possível e sonhado diálogo...

Assim, o individualismo, que tantas vezes marca a empreitada intelectual, vai cedendo lugar a uma aprendizagem coletiva baseada na criatividade humana e esta visita e se nutre de diferentes Tradições, Filosofias, Epistemologias, Artes e Tecnologias (Krisnamurti, Espinosa, Buber, Aurobindo, Bohr, Freud, Jung, Deleuze, Rilke, Morin, Feyerabend, Schiller, Huizinga, Gadamer...), convivendo, em bases hermenêuticas com as possíveis trilhas e aberturas que possibilitam a visão transdisciplinar.

Com esses movimentos nós, os participantes da Oficina do Mestre-Aprendiz, buscamos nosso espaço, tentando decodificar e ultrapassar os currículos que já caducaram nos sistemas instituídos, atentos aos mútuos *insights*, temores, saberes e não-saberes, devaneios, equívocos, paralelismos e outros típicos fenômenos grupais, tentando nos estruturar em direções mais compartilhadas, dialógicas e integradoras. Já estamos percebendo o surgimento de um processo mais articulado, indicativo da formação de uma tessitura nova e sempre inédita, no aqui e no agora. A tensão e a síntese começam a se dar as mãos, determinando alianças entre o pensar, o sentir, o agir e o transcender, e também insinuando uma verdadeira mitologia do grupo, onde cada participante sabe distinguir o seu carisma, o seu desafio e o enigma que o nomeia.

Na viagem hermenêutica da vivência transdisciplinar da Oficina do *Mestre-Aprendiz*, o acervo operado numa OP/AEMA é representado por *constructos, proposições e referências teóricas*, que abarcam as diferentes graduações porque passa o conhecimento humano, como nos ensina Carneiro Leão (2000): como “*aisthesis*” ou seja, como a percepção sensível; como memória “*mneme*”, onde o conteúdo das percepções foi integrado numa síntese; como “*emperia*”, experiência viva; como “*tecnhe*”, ou seja, como perícia e habilidade no trato com as coisas e as situações; como “*episteme*”, geradora de reflexão e compreensão de princípios; e como “*sophia*”, forma superior de saber. Tais graduações vão situando, hermenêuticamente, os caminhos, os impactos, as ressonâncias e as falhas que a vivência, – como práxis AEMA – poderá revelar.

2. Oficina de Avaliação Polilógica na vivência pedagógico-transdisciplinar da arte de aprender

A *Oficina de Avaliação Polilógica*, epistemologicamente fundamentada na perspectiva filosófica do educador Dante Galeffi, apresenta uma compreensão poemático-pedagógica sobre a vivência da arte de aprender no movimento existencial do processo do aprender-a-sensendo. Nesta oficina, os estudantes são convidados a tomarem consciência da possibilidade de vivenciarem um processo auto-avaliativo polilógico que contempla, simultaneamente, o movimento do aprendizado do aprender a ver, a ouvir, a calar, a falar, a pensar, a agir, a fazer, a

escrever, a dialogar-relacionar, a sentir, a ler, a conhecer, a amar e a ser. A Avaliação polilógica é concebida e realizada como vivência transdisciplinar da arte de aprender. Como uma *transdisciplina* do curso de Especialização em foco, tem como tarefa investigar a função aprendente da avaliação, compreendida como prática dialógica. Para tanto, procura diferenciar e reconhecer as modalidades polilógicas da avaliação como arte de aprender, pela reunião das dimensões que constituem o ser humano em sua correlação com a totalidade que a tudo reúne no mesmo um.

A arte de aprender é compreendida em seu sentido próprio: *aprender é o modo de ser do homem no mundo*; é o tornar-se incessante do ser que quer sempre ser. O aprender é uma arte. A arte de aprender é o exercício da vida em seu *dever*. A vida humana em sua dinâmica de comum-pertencimento com a totalidade do que é, vê, percebe, sente, concebe, conhece, pensa, formula, convive, ama, odeia, compartilha, mora, habita, coage, faz, constrói, realiza, concretiza, planeja, espera, potencializa, projeta.

A vida humana é um acontecimento devindo. Como movimento *em ser*, a vida não se encontra realizada no passado e nem no futuro, apesar de manter com estes tempos uma estreita relação memorial. O eixo, então, da avaliação polilógica é o *em-sendo* de cada educando em suas dimensões constitutivas. Dele se avalia o ver, o sentir, o perceber, o conhecer, o pensar, o conviver, o crer, o habitar, o morar, o dialogar, o ouvir, o falar, o escrever, o construir, o realizar, o fazer-com. A avaliação polilógica, assim, não é um meio de certificação da aquisição de conteúdos de conhecimentos linearmente concebidos, mas o meio de reunião em que se exercita o diálogo aprendente em si mesmo.

O importante nesta avaliação não é medir a aquisição de conhecimentos específicos, e sim *cuidar* para que o outro em formação possa florescer em seu autodesenvolvimento compartilhado. As dimensões aprendentes indicadas constituem os planos de imanência de uma *compreensão articuladora do desenvolvimento humano em sua univocidade múltipla*, em sua *diferença radical*. Nesta medida, é preciso sempre aprender o caráter aberto e imprevisível da avaliação transdisciplinar: *aprender a aprender a ser*.

Os horizontes da avaliação polilógica ou transdisciplinar são, assim, o ver, o conhecer, o pensar, o viver juntos, o fazer, o ouvir, o falar, o escrever, o ser. Configurados destes modos, tais horizontes indicam os campos de atividades das práticas aprendentes, isto é, apontam para a arte de aprender em suas múltiplas valências e dimensões. O aprendizado de si mesmo, a arte de aprender a ser, comporta os múltiplos níveis/planos/dimensões do real e da realidade. Isto muda os rumos da educação humana daqui para frente, que deve aprender a cuidar da totalidade conjuntural do ser humano em sua abertura para o *ser-no-mundo-com*.

O ser humano deve aprender a ser-sendo: deve aprender a ver, a perceber, a sentir, a conhecer, a pensar, a conviver, a fazer. Este *dever* indica para a possibilidade do ser humano realizar a sua reunião com a totalidade conjuntural, agindo a partir de uma *atitude aberta ao comum-pertencimento de tudo*. O ser humano não é o ente mais importante do universo. Ele é um ente entre tantos outros entes. A visão de mundo antropocentralizada dá lugar a uma visão *cosmodifusa*. Esta visão põe para o ser humano sua co-responsabilidade com o todo da vida-vivente.

Partindo-se do pressuposto de um ser que sempre é-sendo, o objetivo geral da avaliação polilógica é configurar uma rede de sentidos e significados para a fundamentação e prática de uma educação transdisciplinar, como ponte

epistemológica para a vivência avaliativa da arte de aprender. Como se pode, entretanto, avaliar o ser em seu desenvolvimento nesta perspectiva transdisciplinar? A resposta é simples: se pode avaliar dialogando. O diálogo é o caminho da avaliação polilógica. O importante não é o acúmulo de informações, mas o reconhecimento do alcance compreensivo de cada região do nosso ser-com. Na dialogia entre quem avalia e quem é avaliado o importante não é o julgamento e sim a relação amorosa de um ouvir e de um falar conjuntamente.

Na dinâmica da avaliação polilógica o ver, o experienciar, o habitar e o propagar se dão conjuntamente. Entretanto, isto não se baseia em esquemas formais que devem guiar o ato aprendente de um suposto “fora” para um suposto “dentro”. Não se trata de constatar o “erro” ou o “acerto” fundamentado em um sistema fechado, auto-suficiente e ideal, e sim de vivenciar propriamente o alcance de uma compreensão articuladora como individuação do próprio ser. Isto se pode propriamente chamar de autoconhecimento. A avaliação, assim, não se presta para medir ou julgar de acordo com uma escala de referência objetivamente dita, mas para *fazer-acontecer o próprio de cada ser humano em sua saga poemático-pedagógica*. A avaliação, deste modo, é um campo que perpassa todos os momentos de um processo educacional transdisciplinar, porque o foco pedagógico não se concentra mais na aquisição de conteúdos determinados, mas no modo de aprender próprio de cada um, em sua singularidade irrepetível. Nesta medida, educador e educando são pares dialógicos implicados. O educador é educando e o educando é educador. A educação transdisciplinar lida com o acontecimento do ser-sendo e não com a regulação de um modelo de formação monológica, baseado na repetição mecânica e maquínica de modelos determinados. Não pode haver modelos ideais a seguir na educação transdisciplinar, porque ela não é uma educação monológica e sim polilógica. A equalização dos níveis de realidade que permanecem em cada ser-sendo não pode limitar-se a programações generalistas, porque o que está sendo equalizado é um ser-sendo, um ser-corpo-existente. A dialogia da avaliação polilógica é este encontro com a *diferença* que se lança na saga poemática do ser. Ela recolhe na relação de comum-aprendizado de educador-educando a abertura do tornar-se conjugado: verbo ser sempre outro, sempre o mesmo.

A avaliação polilógica propõe uma ressignificação do verbo Avaliar. Avaliar é primacialmente dar valor, fazer valer, reconhecer o valor. Do latim *valeo, valere*, valor, ter valor, valer, avaliar tem pelo menos seis acepções recorrentes: 1ª - *ser forte, vigoroso, valente*; 2ª - *estar com saúde, passar bem, estar em bom estado*; 3ª - *ter força, ter crédito, exceder (em alguma coisa), levar vantagem, estar em voga; prevalecer; ter bom resultado, sortir efeito; ser eficaz; cumprir-se; ter influência, contribuir para; ser capaz de, poder*; 4ª - *Ser bom, eficaz (ter medida), ter esta ou aquela virtude, ser medicinal*; 5ª - *Valer (em relação ao dinheiro); valer um preço*; 6ª - *Ter esta ou aquela significação, significar*. Avaliar, assim, aponta para o ter afeto, ter estima, valorizar o outro, acolher a diferença, corresponder ao outro, valorar o que vale, reconhecer, potencializar, atualizar, dialogar, partilhar, ter amor.

O horizonte aqui delineado, a pré-compreensão considerada, aponta para o *éthos* da avaliação polilógica: *abertura para o aberto na proveniência do ser*.

Com essa ressignificação do conceito de avaliação, é necessário reconhecer que o que se faz regularmente com o que se chama de avaliação educacional, não avalia nas dimensões propostas, mas EXAMINA e CLASSIFICA segundo as normas de um determinado regime de signos, de uma determinada regulação

burocrática instituída e hegemônica – monologicamente autocêntrica e excludente. Para sermos coerentes, o que aqui estamos chamando de AVALIAÇÃO pressupõe uma outra forma de racionalidade: a compreensão polilógica dos sentidos implicados. Pressupõe um educar completamente outro, um educar com-a-vida, UM EDUCAR FLUXANTE.

Reunindo o sentido, compreendemos por avaliação polilógica uma relação-vivência dialógica própria e apropriada, um co-relacionar-se com o advento dialógico. Advencial, a avaliação é um encontro com o sentido mostrando-se no outro. O outro receberá sempre do outro a emanção de sua florescência. Neste ser passagem consiste a avaliação. Avalia-se o fluxar no acontecimento dialógico. A avaliação é o advento da dialogicidade comum. Avalia-se o acontecimento do outro no caminho de sua vida, conjuntamente. Avaliação polilógica é deixar ser o outro o caminho de sua vida.

Isso pressupõe uma revolução humana necessária. Revolução no nosso modo de ser. Esta revolução não pode ser pensada senão a partir das circunstâncias de cada realização. Uma utopia, sem dúvida. Portanto, algo que só se realiza no instante eterno do tempo presente, o desconhecido enquanto acontecimento: abertura para o aberto.

O diálogo é o lugar da avaliação polilógica, diálogo da *mente velha condicionada* com a *mente nova criadora*: reconhecimento do modo de ser-no-mundo e efetuação da vida abundante; compreensão do instituído e do instituinte, do ente e do ser, do tempo e do instante, do lugar e da morada. Diálogo como confluência do ser e do ente unidos no *mesmo* sem-fundo, pois o ser dispõe para o ente sua abertura originária. O diálogo acontece na apropriação do ser e do pensar: comum-pertencimento de tudo. Assim, a diferença ontológica rasga o véu do ser em sua constituição própria: sua abertura germinal.

Ser-no-mundo é a condição para o acontecimento apropriador do diálogo: avaliação do acontecimento em seu fluxar. O diálogo dialoga. O diálogo é uma realização do encontro do ente com sua abertura para o ser. O diálogo é uma escuta primordial. O diálogo é atento e amoroso em sua disposição para o acontecimento na confluência do simples encontrar-se ouvinte do que diz o *lógos*, em sua intensividade própria. Dialogar é escutar o *lógos* em seu alternar-se e ater-se ao simples fluxar de tudo. Dialogar é ser-com intensidade abertura para o aberto. Avaliar é o mesmo que dialogar no mais implicado sentido do termo.

3. Oficina de Comunicação Dialógica na vivência pedagógico-transdisciplinar da arte de aprender

A práxis da educação transdisciplinar direcionada para a vivência da arte de aprender a arte de viver, no exercício da aprendizagem do aprender a aprender, também exige a inauguração de uma experiência de convivência humana fundamentada em alguns princípios filosóficos da comunicação dialógica.

A *comunicação dialógica* é a comunicação que possibilita o ser humano vivenciar o processo do seu autoconhecimento, que também lhe ajuda a tomar consciência do seu desconhecimento de si mesmo e da sua auto-deslocalização na existência⁸. A aprendizagem desta comunicação é uma vivência existencial

⁸ Deslocalização histórica, geográfica, planetária. Deslocalização do seu espaço interior (suas emoções, pensamentos, sentimentos, desejos, dores, alegrias). Deslocalização da totalidade do processo Criador Cósmico em que está inserido.

interminável, que processa-se no encontro das relações intersubjetivas e possibilita o ser humano, através do processo vivo e dinâmico do autoconhecimento, conscientizar-se que ele não se autoconhece minimamente (não sabe quem ele é, o que está fazendo com a vida que também se manifesta na sua existência e porque está fazendo, não sabe quais são os objetivos essenciais que elegeu para a vocação do seu existir, não reconhece as suas prioridades de vida, não sabe onde está e para onde vai ou quer ir, qual o significado essencial do seu existir) porque foi condicionado, por uma educação mecânico-fascista, a não se autoconhecer e a viver na periferia de si mesmo. Após essa tomada de consciência do desconhecimento de si mesmo, o indivíduo compreende que, através do exercício da comunicação dialógica – ou seja, da comunicação consciente em presença de si mesmo no aqui-agora da relação com o outro – ele pode apropriar-se do seu direito de expandir o processo existencial da vivência viva e interminável da *arte de aprender* ou da arte de autoconhecer-se.

A filosofia da comunicação dialógica está fundamentada no princípio filosófico da autoconsciência. Este princípio reconhece a potencialidade humana da subjetividade, da sensibilidade, do autoconhecimento, da liberdade, da potência de vontade, da afetividade, da relação consciente, da criatividade, da dialogicidade, do autodesenvolvimento, da autotranscendência, da bondade, do amor. Este princípio foi construído pelo pulsar-acontecimento da vida de muitos seres humanos que, em diferentes períodos da história da humanidade, ousaram reconhecer e adentrar a visão-espacialidade da Vida Abundante, que também flui e É PRESENÇA na existência do serhumanohumanidade.

A *Oficina de comunicação dialógica*, epistemologicamente fundamentada na perspectiva filosófico-pedagógica da educadora Noemi Salgado Soares a respeito da comunicação dialógica, objetiva convidar cada estudante do curso de Pós-Graduação *Educação Transdisciplinar e Desenvolvimento Humano: a Arte de Aprender* a compreender, existencialmente, que a vivência da comunicação dialógica também implica a ação comunicativa onde o indivíduo, através da prática do diálogo⁹, acessa/ativa um estado de ser presença consciente de si mesmo, no

⁹ “Quando o ser humano vê as perspectivas dos demais como uma contribuição para a construção da sua subjetividade, como tijolo para a construção do seu autoconhecimento e para a compreensão da realidade histórico-sócio-cultural que o cerca, quando deixa de considerar as opiniões que diferem das suas como um ataque pessoal, ele inicia o processo da aprendizagem do diálogo em qualquer situação existencial. (...) Se há pré-dica e manipulação, não há diálogo. Se há imposição de opiniões e pontos de vistas, não há diálogo. Se há a hierarquia de poder, tipo “eu sei mais, você sabe menos”, não há diálogo. Se não há o exercício do genuíno ouvir e espontânea inclusão, não há diálogo. Se não há a partilha no processo da construção da intersubjetividade, não há diálogo. Se há pré-julgamento e preconceito, não há diálogo. Se não há a vivência-abertura da compreensão de que, além das minhas interpretações, existem tantas outras interpretações possíveis, tantas quanto aparecerem, não há diálogo. (...)”

No início da prática do exercício do diálogo, o indivíduo toma consciência de como é difícil calar e ouvir o outro. Também toma consciência que os seus pré-julgamentos e preconceitos criam obstáculos para que ele e os outros participantes do diálogo possam se expressar livremente. Além disso, aprende a observar as suas reações impulsivas quando, no diálogo, são emitidas opiniões diferentes das suas.

As dificuldades vivenciadas e observadas no exercício do diálogo manifestam as causas mais comuns da falta de comunicação e do sofrimento que esta falta de comunicação provoca no ser humano. A tomada de consciência destas dificuldades, talvez, seja o primeiro passo para melhorar o processo de comunicação entre as pessoas. Conseqüentemente, instaurar um processo genuinamente comunicativo na experiência aprendente do encontro humano.” (SOARES, Noemi Salgado. *Fragmentos de uma abordagem sobre alguns fundamentos pedagógicos da ação educacional transdisciplinar*. In.: Revista *Agüere*. Salvador, Quarteto, 2002)

aqui-agora de cada acontecimento existencial do seu existir em relação com o outro.

Como preparação para vivenciarem a oficina de *comunicação dialógica*, os educandos-educadores, participantes do referido curso de Pós-Graduação, participaram da vivência do módulo transdisciplinar denominado “O diálogo na vivência transdisciplinar da arte de aprender”. Os objetivos deste módulo foram convidar o educador-educando a: 1º. conhecer algumas perspectivas de Paulo Freire, Martin Buber, David Bohm a respeito do significado do diálogo no processo das relações humanas; 2º. examinar a perspectiva de David Bohm a respeito da função e do significado da vivência do diálogo para a tomada de consciência de como funciona alguns processos do pensamento-sentimento condicionado ou da *mente velha condicionada*, de acordo com a compreensão de Jiddu Krishnamurti; 3º. compreender a função e o significado da comunicação dialógica para o processo da vivência da arte de aprender ou da arte de autoconhecer-se.

Os objetivos da vivência da *Oficina de comunicação dialógica* são convidar o estudante educando-educador a: 1º. compreender a interdependência entre educação transdisciplinar/comunicação dialógica/arte de aprender; 2º. aprofundar, através de exercícios/ensaios de diálogo com os demais participantes do grupo, a compreensão do significado da comunicação dialógica para a vivência transdisciplinar da arte de aprender; 3º. compreender, na própria existencialidade, a diferença entre comunicação dialógica e comunicação não dialógica; 4º. consolidar a compreensão de que a vivência da arte de aprender e da comunicação dialógica é um dos fundamentos pedagógicos da educação transdisciplinar; 5º. conhecer a perspectiva transdisciplinar do significado do diálogo, visando desenvolver uma compreensão existencial a respeito da vivência da comunicação dialógica como uma prática fundante da pedagogia do autoconhecimento.

Nesta oficina¹⁰, cada estudante-educando-educador é convidado a verificar, através de vivências relacionais, que a comunicação dialógica é o acontecimento do processo comunicativo em que o indivíduo, no exercício da prática do diálogo, pode tomar consciência de si mesmo no aqui-agora do momento presente do seu existir: consciência da sua respiração, dos diferentes movimentos do seu corpo, dos seus pensamentos-sentimentos-emoções, da forma como fala, ouve, silencia, age ou reage, consciência da maneira como bebe água, como se dirige ao outro ou dirige o carro, etc.

A atitude existencial da vivência da comunicação dialógica fundamenta-se na autêntica compreensão-vivência da máxima socrática “eu só sei que nada sei”. Se o indivíduo sabe que nada sabe, não tem nenhum motivo para julgar, preconceituar,

¹⁰ A síntese do conteúdo da *Oficina de comunicação dialógica* está descrita na sua ementa, que está assim constituída: “A comunicação dialógica e a transdisciplinaridade da arte de aprender. Vivência aprendente do diálogo como um princípio fundante da arte de aprender. Vivência corpórea de bioexpressividade. Ativação da comunicação dialógica na vivência de exercícios/ensaios de técnica de diálogo para: a) auto-observação da postura corporal e do movimento-pulsar respiratório; b) a investigação e a compreensão da forma como funciona, na espacialidade ontológico-psicológica, alguns processos da programação do funcionamento do pensamento condicionado (emoções, sentimentos, pensamentos) ou da mente velha condicionada; c) percepção-compreensão de alguns processos da alteridade ontológico-existencial no acontecimento do encontro humano; d) a investigação e a compreensão de alguns condicionamentos psicológicos que impossibilitam a vivência da comunicação dialógica.” (In.: SOARES, Noemi Salgado. *Oficina de comunicação dialógica na vivência transdisciplinar da arte de aprender*. Salvador, UFBA, 2005)

maltratar, negar, desrespeitar, mutilar e oprimir o outro. A genuína compreensão vivencial de um estado originário do não saber inaugura a humildade ontológica de uma espacialidade existencial amorosa de autoconsciência. O exercício consciente da comunicação dialógica com o outro, possibilita o ser humano reconhecer e apropriar-se do seu direito de desfrutar da libertária relação-vivência amorosa no encontro das suas relações sóciointersubjetivas.

No esforço de desenvolvimento de um diálogo consciente, o indivíduo é obrigado a colocar luz nos seus condicionamentos adquiridos, que lhe deixam escravizados à impressão (para não dizer, ilusão) de que ele, juntamente com a sua interpretação do mundo e das pessoas, é o melhor porque o seu ponto de vista é o mais completo ou perfeito.

A abertura para o desenvolvimento de uma genuína atitude existencial dialógica exige, do indivíduo, o exercício permanente de revisão dos principais valores adquiridos pelos condicionamentos mentais histórico-socio-culturais (familiares, religiosos, escolares, etc) que lhe impõem a inconsciente submissão ao medo da diferença do outro. Tais condicionamentos impõem no indivíduo a ilusão da separatividade, através dos jogos de imagens da “pseudo-superioridade” ou da “pseudo-inferioridade” em relação ao outro. Estes jogos, na maioria das vezes, traduzem um profundo medo psicológico, o medo de lidar com a insegurança e a impermanência de todas as coisas inerentes ao movimento natural da existência humana. Este medo impede qualquer possibilidade mínima de vivência da comunicação dialógica.

Algumas Referências Bibliográficas:

- BOHM, David. *Sobre el diálogo*. Barcelona: Kairós, 1997
- GALEFFI, Dante Augusto. *O Ser-Sendo da Filosofia*. Uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender Filosofia. Salvador: Editora UFBA (EDUFBA), 2001.
- _____. *Filosofar e Educar*. Inquietações pensantes. Salvador: Quarteto Editora, 2003, 238 p.
- _____. Módulo da transdisciplina *Vivência pedagógico transdisciplinar: oficina de avaliação polilógica*. Salvador: UFBA/FACED, 2005
- KRISHNAMURTI, Jiddu. *Obras completas*. Buenos Aires: Kier, 1995
- NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM, 1999
- _____. *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO, 2001
- RANDOM, Michel. *O pensamento transdisciplinar e o real*. São Paulo: TRIOM, 2000
- SANTOS, Neyde Souza Marques. *Anarquismo epistemológico e arte educação orquestrados pelo mestre-aprendiz*. Salvador: UFBA, 2003
- _____. Módulo da transdisciplina *Vivência pedagógico transdisciplinar: oficina do Mestre-Aprendiz*. Salvador: UFBA/FACED, 2004
- SERPA, Felipe. *Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa*. Salvador: Edufba, 2004
- SOARES, Noemi Salgado. *Sobre uma pedagogia para o autoconhecimento: diálogo com algumas concepções educacionais de Jiddu Krishnamurti*. Salvador: UFBA/FACED (Tese de Doutorado), 2001, 680 páginas
- _____. “Fragmentos de uma abordagem sobre alguns fundamentos pedagógicos da ação educacional transdisciplinar”. In.: *Ágere Revista*

de Educação e Cultura da pós-graduação da FACED/UFBA, v.5, n. 5, 2002, Salvador: Quarteto

_____. “A comunicação dialógica para o desenvolvimento humano”. In.: *Revista da Fundação Visconde Cairu*. Salvador: FVC, 2003

_____. “A comunicação dialógica na vivência do autoconhecimento”. In.: *Ágere Revista de Educação e Cultura* da pós-graduação da FACED/UFBA, Salvador, , 2004

_____. “Uma pedagogia do autoconhecimento como alicerce da ação educacional do século XXI”. In.: *Ágere Revista de Educação e Cultura* da pós-graduação da FACED/UFBA, Salvador, nº. 1, 1999

_____. Módulo da transdisciplina *Vivência pedagógico transdisciplinar: oficina de comunicação dialógica*. Salvador: UFBA/FACED, 2005